

Resenha

ARENAS, Fernando. *África lusófona: além da independência*. Tradução Cristiano Mazzei. São Paulo: Edusp, 2019. 440 p. ISBN 9788531417351.

Bianca Mafra Gonçalves
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
Universidade de São Paulo

Recebido em: 21/02/2020

Aprovado em: 18/07/2020

Originalmente publicado em inglês (*Lusophone Africa: beyond independence*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2011), *África lusófona* faz uma introdução à história e cultura das antigas colônias portuguesas em África. Adotando uma abordagem multidisciplinar, isto é, que combina uma leitura crítica de seu legado histórico, social e econômico, com o contexto contemporâneo de produção artística, o livro traz um importante panorama para estudantes e pesquisadores. Por ter sido publicado no início desta década, e por apresentar fenômenos contemporâneos que estão em constante transformação, a edição brasileira ganhou informações e notas atualizadas, abrangendo produções e acontecimentos até 2019.

Fernando Arenas (1963-2019)¹ adota o polêmico termo *lusofonia*, que, como aponta a apresentação do livro, é frequentemente criticado em universidades brasileiras por carregar um traço que submete ao *lusó* — vocábulo que se origina de *Lusus*, fundador mitológico da Lusitânia, província mais ocidental da península Ibérica (ARENAS, 2019, p. 24, nota de rodapé) — diferentes povos e etnias que foram dominados pelo colonialismo e imperialismo português. Contudo, o autor defende a adoção do conceito, análogo a termos como *anglófono* e *francófono*, para se referir a países que falam o mesmo idioma. Arenas prefere, estrategicamente, seguir a tendência da produção acadêmica de língua inglesa, que tem estabelecido a lusofonia como ponto de partida das discussões sobre objetos e sujeitos que falam o português.

Ao elege a literatura, o cinema e a música popular como as produções privilegiadas da África lusófona, o livro busca uma abordagem interdisciplinar, que visa contemplar não somente as questões culturais e políticas que atravessam tais expressões, mas também a diversidade dos artistas que habitam e/ou transitam pelo espaço africano de língua portuguesa. Ademais, levando-se em consideração o contexto particular de acesso, consumo e difusão artística destes

¹ Professor da Universidade de Michigan, do Departamento de Estudos Afro-Americanos e Africanos.

territórios, tomar a música popular como ponto de partida do debate demonstra um raro olhar de sensibilidade acadêmica acerca das produções locais, uma vez que o *hip-hop*, R&B, *kuduro*, entre outros gêneros, são historicamente marginalizados nas leituras de conjuntura histórica de Portugal e da África lusófona. Ademais, o autor destaca a importância de Lisboa neste cenário:

Lisboa possui uma rica vida noturna africana, com numerosos restaurantes e casas noturnas. Ao longo do ano pode-se encontrar uma oferta regular de shows de música africana, além de festivais. [...] De forma variada, tais artistas realizam experimentos com gêneros musicais cabo-verdianos modernizados, cantando em *kriolu*, português e inglês, com influências do *jazz* ou afro-pop, sobretudo nos casos de Carmen Souza e Sara Tavares [...]. Na verdade, desde a década de 1990 tem havido uma explosão de jovens artistas portugueses de ascendência africana gravando *hip-hop*, *soul*, *reggae*, músicas com inflexões de *jazz*, *funk*, R&B e fusão afro, ou eletrônica, cantadas principalmente em português e *kriolu*. Muitos artistas de *hip-hop* luso-africanos têm documentado ou denunciado a vida dos jovens afrodescendentes marginalizados em Portugal, além de expressarem esperança de uma vida melhor em uma sociedade mais tolerante, ao mesmo tempo que se identificam e se apropriam de estéticas globais, linguagens, sons e a ideologia contracultural dos jovens afro-americanos de bairros periféricos (ARENAS, 2019, p. 91-92).

África lusófona também aponta a relação do Brasil nos diferentes aspectos que integram as relações políticas, culturais e sociais dos países em destaque pelo livro. Para Arenas, ao mesmo tempo que o Brasil dispõe de “capital afetivo” em relação às nações africanas — e vice-versa, sobretudo no que diz respeito às produções artísticas e manifestações religiosas — e tendo contribuído para a construção de uma relação diplomática e econômica positiva no âmbito internacional, o país também acaba desempenhando um papel de colonizador, em especial para Angola, na medida em que figura “em concorrência com os antigos colonizadores europeus e outras potências globais contemporâneas, tais como Estados Unidos e China” (ARENAS, 2019, p. 130). Também se torna parte deste “fantasma do colonialismo” o construto discursivo de base freyriana, a metamorfose do lusotropicalismo (que fora o discurso racial oficial da era salazarista) na lusofonia, cujo papel para a sociedade brasileira ainda é incerto, mas que em Portugal é bastante difundida na academia e mídias jornalísticas (ARENAS, 2019, p. 131-132).

Após uma extensa leitura do contexto geral do cinema africano e de uma análise centrada na gênese e desenvolvimento do cinema da África lusófona — frisando os filmes de Flora Gomes (Guiné-Bissau) e Licínio Azevedo (Moçambique) —, o autor dedica-se à literatura angolana, com enfoque na produção pós-libertação e que realiza uma crítica aos processos políticos posteriores à independência. Arenas menciona Pepetela, Boaventura Cardoso, Ondjaki, Manuel Rui etc. A referência à conjuntura editorial dos PALOPs (Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa) aponta para um favorecimento de Angola em detrimento das demais nações africanas lusófonas:

Dados os níveis relativamente baixos de alfabetização da maioria dos países em questão (situação que está melhorando aos poucos), pobreza generalizada e o alto custo dos livros, a leitura continua sendo uma prática limitada. Apesar disso, há um punhado de editoras em Luanda, Maputo, Mindelo, Praia e Bissau. Os autores africanos que escrevem em português dependem de leitores ocidentais (ou seja, Portugal, e cada vez mais, Brasil) para disseminarem suas obras literárias — um quadro que ilustra a dependência neocolonial atual da África face ao Ocidente (ARENAS, 2019, p. 343-344).

São poucas as pistas dadas sobre o que Arenas nomeia de “escritas afro-portuguesas”, protagonizadas por autores como Kalaf Epalanga e Djaimilia Pereira de Almeida e, mais recentemente, pela *rapper* e romancista Tvon e a poeta *slammer* Raquel Lima — estas duas últimas, embora não sejam citadas no livro, poderiam figurar no fenômeno brevemente mencionando pelo autor. A adoção do radical *afro-*, a exemplo do que ocorre no repertório brasileiro em polêmicas encenadas pela defesa dos termos “literatura afro-brasileira” e “literatura negro-brasileira” — de Eduardo Assis Duarte (2011) e Cuti (2010), respectivamente —, não seria livre de problematizações dentro do contexto português: haveria marcações coletivistas de pertença racial nas produções afro-portuguesas ou negro-portuguesas? Quais seriam as marcas de autoidentificação racial apresentadas nestes textos? Tais autores veriam a si mesmos pertencentes a uma literatura com tal inscrição? (GONÇALVES, 2019).

A perspectiva multidisciplinar adotada no livro permite perceber, desde as narrativas cinematográficas e literárias, até as trajetórias de músicos e musicistas ligados à África lusófona, como aspectos considerados “extraestéticos” — fatores sociais, culturais, econômicos, históricos etc. — determinam os modos pelos quais estas produções se fazem e são percebidas no que o autor denomina “matriz transatlântica lusófona” e fora dela, apontando um rico panorama temático para ser explorado em futuros estudos e pesquisas.

Referências

ARENAS, Fernando. *África lusófona: além da independência*. Tradução Cristiano Mazzei. São Paulo: Edusp, 2019.

CUTI. Negro ou afro não tanto faz. In: _____. *Literatura negro-brasileira*. São Paulo: Selo Negro, 2010.

DUARTE, Eduardo de Assis. Por um conceito de literatura afro-brasileira. In: DUARTE, E. A.; FONSECA, M. N. S. (org.). *Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

GONÇALVES, Bianca Mafra. Existe uma literatura negra em Portugal?, *Revista Crioula*, v. 1, n. 23, p. 121-140, 2019.

Minicurrículo

Bianca Mafra Gonçalves é mestranda no programa de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP) e bolsista pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Também é bacharela e licenciada em Letras pela USP. Desenvolve pesquisa sobre as identidades negras no contexto português.